

LUZES, P. (1982). — «Portuguese Psychoanalytical Society, The Development of Psycho-Analysis in Portugal, in The International Psychoanalytical Association Newsletter, XIV, 1, 5-6.

MALVA, M. A.; SANTOS, O. S.; ALVIM; LUZES, P. (1977) — «Quatro cartas inéditas de Freud, Análise Psicológica, 1, 1, 7-12.

ABSTRACT

HISTORY OF PSYCHOLOGY IN PORTUGAL: ANTECEDENTS OF THE SCHOOLS OF PSYCHOLOGY AND SCIENCES OF EDUCATION

In this paper, a brief reference is initially made to the framing of the subject in the social and political context of last decades. The author stresses the influence of some epistemological and methodological data in the creation of the Schools of Psychology and Sciences of Education in the Universities of Lisbon, Coimbra and Oporto.

Typical of the interest shown for the different areas of Psychology, is the creation and development, in the early sixties, of the Institute of Applied Psychology, the

Portuguese Psychoanalytical Society and the Portuguese Psychological Society, what the author considers to be major trends in the development of psychological science in this country.

RESUMÉ

HISTOIRE DE LA PSYCHOLOGIE AU PORTUGAL: ANTECEDENTS DES FACULTÉS DE PSYCHOLOGIE ET DES SCIENCES DE L'ÉDUCATION

Dans cet article, on fait une référence introductive à la perspetivation du thème dans le contexte socio-politique des derniers décennies, faisant appel à quelques données épistémologiques et méthodologiques qui auront une grande influence dans la création des Facultés de Psychologie et des Sciences de L'éducation des Universités de Lisbonne, Coimbra et Porto.

Dans ce sens, sont évidenciées quelques lignes d'action qui ont caractérisé des soucis liés aux domaines de la Psychologie, en mettant en relief les raisons de la création aux années soixante de l'Institut Supérieur de Psychologie Appliquée, de la Société Portugaise de Psychanalyse et de la Société Portugaise de Psychologie.

A SIMBOLIZAÇÃO NO TESTE DO DESENHO DA FAMÍLIA

FRANCISCO DE CASTRO CARNEIRO (*)

Após ter administrado o teste do desenho da família a adolescentes psicóticos, o autor constata o aparecimento de vários casos em que os elementos da família são representados, na sua totalidade, simbolicamente, através de animais ou mesmo de objectos. Perante tal facto e após relembrar as contribuições dadas por outros autores sobre o assunto, é emitida a hipótese de que este tipo de procedimento reenvia à própria estrutura da psicose (negar o real para o recriar à medida dos desejos narcísicos do sujeito).

INTRODUÇÃO

São numerosos os estudos efectuados com o Teste do Desenho da Família. Mas, poucos deles abordaram o desenho da família efectuado por sujeitos psicóticos. E é também reduzido o número dos que se debruçaram sobre o tema da simbolização. Tanto quanto é do nosso conhecimento, todos os estudos que se referiram a um ou a outro destes dois temas fizeram-no de forma muito indirecta ou fragmentada.

Quanto aos autores que trataram o desenho da família de sujeitos psicóticos, Hulise (1952) foi o primeiro a fazê-lo. Ele apresentou e analisou vários desenhos da família de pacientes psicóticos, mas sem que se possa realmente falar em características próprias desses desenhos relacionados com a psicose. (Hulise, 1952, pp. 72 e ss).

Borelli-Vincent (1965) por seu lado, pôs em foco as «dissociações» a nível da coesão estrutural da representação do corpo, e diz que elas podem ser observadas nos desenhos da família de crianças psicóticas (Borelli-Vincent, 1965, p. 57).

Protot, nesse mesmo ano, partilha a opinião de Borelli-Vincent no que diz respeito às anomalias indicadas por esse autor (Protot, 1965, p. 190).

Ainda sublinhando a perspectiva da noção de esquema corporal na análise do desenho da família surge o artigo de Crocq e Suziot (1968), onde são examinados uma centena de desenhos da família de crianças referenciadas como tendo perturbações caracteriais, neuróticas ou mesmo pré-psicóticas (Crocq, Suziot, 1968, p. 37). Finalmente, Gendre, Chetrit e Dupont (1977, pp. 244-245), apoiando-se em 400 protocolos do desenho da família entre os quais estavam referenciadas crianças pré-psicóticas, tentam dar corpo a uma abordagem psicométrica desta temática.

No que diz respeito à simbolização, as referências encontradas são também escassas. Todavia, antes mesmo de as indicarmos convém esclarecer este conceito. Designamos por simbolização, neste contexto, todas as formas de representação indirecta ou figurada (formações substitutivas) no desenho da família, resultantes de um desejo inconsciente. A simbolização funciona assim como um mecanismo de defesa do eu, permitindo-lhe o «travestir» sob uma espécie de máscara, de uma tendência interdita, jamais deixando transparecer a identidade do seu autor (Laplanche e Pontalis, 1967, p. 476). Este modo de representação pode afectar unicamente uma ou outra personagem do desenho em certos casos, ou mesmo a totalidade dos seus elementos noutros casos.

Borelli-Vincent (1965) faz alusão, em certa medida, a esta temática quando refere — a exemplo de Ada Abraham (1963) que distingue três aspectos no desenho da figura humana — o carácter adaptativo desta prova: «Certas crianças propõem-se desenhar uma família de animais e perguntam se tal é permitido. Mesmo tendo em conta o papel da imaginação e da literatura infantil nesta transposição, é preciso ver aí com frequência uma tentativa de fuga perante o mal-estar provocado por uma evocação mais directa e personalizada das imagens familiares» (Borelli-Vincent, 1965, p. 97). Esta particularidade não é contudo, neste artigo, atribuída a crianças psicóticas.

Para Corman «a simbolização é rara no desenho da família» (1967, p. 97) e quando ela ocorre a criança simboliza as suas pulsões hostis no desenho por um animal selvagem ou agressivo (lobo, leão, víbora, cão, gato) (1967, p. 65 e 97). Este autor, que refere não ter encontrado mais do que vinte casos, observa que «... em tais casos o sujeito não se representa a si próprio no seu desenho» (Corman, 1967, p. 97). Corman refere ainda (1967, p. 186) que este procedimento seria mais frequente em rapazes do que em meninas. Todavia, convém notar que embora os seus resultados se apoiem em 1200 casos (800 rapazes e 400 meninas), a amostra considerada comporta apenas sujeitos normais, sujeitos com perturbações caracteriais pouco acentua-

(*) Assistente da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

das, débeis mentais ligeiros e neuróticos (Corman, 1967, p. 7).

Minoja Zani (1969) alude a esta mesma problemática reservando a palavra «simbolização» quer para designar famílias de animais (gatos, pirlatinhos, coelhos, pássaros, ...) no seu meio habitual, quer para famílias de animais «personificados» (p. ex., gatos em posição erecta e ostentando gravatas) (Minoja Zani, 1969, pp. 264-265). Relembre-se que a cada um dos 474 sujeitos que serviram de base a este estudo, o autor pediu para executar, sucessivamente, dois desenhos de família, o primeiro segundo a fórmula «Desenha uma família» (Versão Imaginária) e o segundo mediado pela instrução «Desenha a tua família» (Versão Concreta) (Minoja Zani, 1965, p. 222). Todos os casos de simbolização, à excepção de um único, foram obtidos com a «Versão Imaginária», muito embora, segundo o próprio autor, o seu número tenha sido muito reduzido (Minoja Zani, 1965, pp. 258-259).

Segundo Rivas Martínez, Bñares Vazquez e Pertejo, a presença de animais (gato, cão, dragão, lobo) e elementos fantasmagóricos (fantasmas, robots) é um indício de agressividade nos desenhos da família dos sujeitos que compõem a sua amostra. Tais sujeitos são descritos como crianças abandonadas ou colocadas sob regime de tutela (Rivas Martínez, Bñares Vazquez e Pertejo, 1969).

Finalmente, Freud (1968) havia já chamado a atenção para o papel do animal na atitude da criança em relação à sua família. «A criança não experimenta ainda nada daquele orgulho próprio ao adulto civilizado que traça uma linha de demarcação nítida entre ele e todos os outros representantes do reino animal. Ela considera sem hesitação o animal como um seu igual; através do reconhecimento franco e sincero das suas necessidades, a criança sente-se mais próxima do animal do que do homem adulto que considera sem dúvida mais enigmático» (Freud, 1968, p. 147). O deslocamento sobre um animal seria, ainda segundo Freud, o resultado «... do medo experimentado diante de um dos pais» (Ibid., p. 148).

Tendo recolhido várias dezenas de protocolos de desenhos da família de adolescentes psicóticos do sexo masculino, chamou-nos a atenção a existência, entre eles, de um número considerável de casos apresentando simbolização (toda a família aparecia aí simbolizada), facto que nos levou a efectuar este estudo.

POPULAÇÃO

No quadro 1 pode ver-se, do lado esquerdo, a distribuição por idades do efectivo total de adolescentes psicóticos que foram submetidos ao teste do desenho da família e, no lado direito, são referenciados, de acordo com a mesma distribuição, os casos em que apareceram simbolizações.

QUADRO 1

Distribuição do efectivo total de adolescentes psicóticos e dos casos de simbolização.

| IDADE | Sujeitos | | Simbolização | |
|---------|----------|------|--------------|------|
| | N | % | N | % |
| 12 ANOS | 6 | 7,1 | 3 | 11,1 |
| 13 ANOS | 14 | 16,5 | 3 | 11,1 |
| 14 ANOS | 34 | 40,0 | 14 | 51,9 |
| 15 ANOS | 13 | 15,3 | 3 | 11,1 |
| 16 ANOS | 8 | 9,4 | 2 | 7,4 |
| 17 ANOS | 10 | 11,8 | 2 | 7,4 |
| TOTAL | 85 | 100 | 27 | 100 |

Todos estes adolescentes estavam internados para tratamento essencialmente psicoterapêutico no Institut Régional de Psychotérapie et de Rééducation de Longueuil-Annel (Oise-França) e provinham, na sua quase totalidade, dos três departamentos geográficos limítrofes (Aisne, Somme e Oise). Eram ainda caracterizados por pertencerem a um meio socio-económico rural médio e inferior.

MATERIAL E PROCEDIMENTO

A cada sujeito era fornecida uma folha de papel branco (210x270 mms), apresentada horizontalmente e uma caneta.

O teste foi administrado individualmente e fazia parte de uma bateria de testes de papel e lápis que incluía a Garatuja, o Teste de Goodenough, a Dame de Fay, o Teste da Árvore, uma página de escrita, etc.

Para todos os sujeitos foram respeitadas as mesmas condições de administração.

INSTRUÇÃO

A nossa instrução era idêntica à de Corman (1967, p. 18): «Desenha uma família. Imagina uma família e desenha-a». Se o sujeito aparentava alguma incompreensão ou admiração perante o que lhe era pedido, acrescentávamos de seguida: «Desenha tudo o que quiseres: as pessoas de uma família, ou animais, objectos, etc. Tudo o que quiseres... Uma família». Não havia limite de tempo para a realização do desenho. Discretamente, era anotada a ordem de aparição dos diversos elementos, o comportamento manifestado no decurso da prova assim como o tempo necessário à sua execução. Acabado o desenho, era pedido ao adolescente para identificar as personagens pelo seu nome, sexo, idade, posição social, etc.

Seguia-se então uma espécie de entrevista com o objectivo de obter mais informações sobre o desenho efectuado. Assim, eram feitas perguntas do tipo:

«Podés falar comigo acerca desta família que desenhas?»

— Onde estão eles?

— Que estão a fazer?

— Como se chamam?

— Indica-me o sexo e a idade de cada um.

— Qual é o mais simpático de todos? Porquê?

— E o menos simpático? Porquê?

— Quem é o mais alegre? Porquê?

— E o menos alegre? Porquê?

— Se tu pertencesse a essa família quem gostarias de ser? Porquê?

«Etc.»

RESULTADOS

a) — Reportando-nos ao Quadro 1 verifica-se que a percentagem de casos em que surge a simbolização representa cerca de 1/3 do total da amostra o que deixa antever que o recurso a este procedimento não é tão escasso como o que os estudos citados deixam transparecer.

Embora a distribuição por idades não seja homogénea, pode verificar-se que não existem diferenças significativas entre os valores dos grupos etários do efectivo total e os do sub-grupo que representa simbolizações ($X^2=2,18$, $p=29$, $g.l.=5$).

Perante este facto pode-se afirmar que a simbolização no desenho da família ocorre na nossa amostra independentemente do factor idade, notando-se no entanto que se dividirmos o nosso efectivo total em 2 grupos (12, 13 e 14 anos dum lado, e 15, 16 e 17 anos do outro lado), a proporção do aparecimento de simbolizações aumenta no grupo dos mais jovens em relação ao grupo dos mais velhos.

QUADRO 2

Distribuição e especificidade dos elementos simbolizados

| Elementos simbolizados | | | |
|---------------------------------|-------------------|-------------------|------|
| Animais familiares e domésticos | Animais selvagens | Outras categorias | |
| Coelhos | 4 | Veados | 1 |
| Ovelhas | 3 | Elefantes | 1 |
| Gatos | 2 | Linces | 1 |
| Cavalos | 2 | Total | 3 |
| Cães | 2 | % | 11,1 |
| Vacas | 2 | | |
| Fatos Reais | 1 | | |
| Camelos | 1 | | |
| Cabras | 1 | | |
| Caracóis | 1 | | |
| Gaivotas | 1 | | |
| Gansos | 1 | | |
| Galinhas | 1 | | |
| Total | 22 | | |
| % | 81,5 | | |

b) — No Quadro 2 é efectuada uma divisão dos 27 casos em três categorias de acordo com o tipo de elementos simbolizados. Assim, retivemos 22 casos em que esses elementos eram animais que, por serem próximos do convívio humano, englobámos na categoria «Animais familiares e domésticos». Seguidamente surgem 3 casos em que a família é representada por animais do tipo selvagem, ou, por outras palavras, animais que se afastam do contacto com o homem, chegando por vezes a pôr em perigo a sua existência. Finalmente, surge uma terceira categoria que representa, em certa medida, um caso extremo de distanciamento em relação ao tema família, aparecendo esta simbolizada, num caso por ossos e noutra por chávénas (Fig. 1).

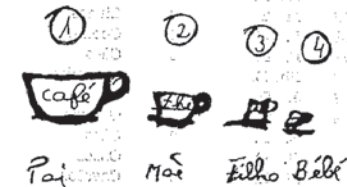


Figura 1 — Uma família de chávénas

Fácil é verificar que a categoria «Animais Domésticos e Familiares» se evidencia de forma altamente significativa em relação às restantes ($X^2=28,22$, $p=.99999$, $g.l.=2$). Dentro desta categoria as preferências por este ou aquele animal são incaracterísticas ainda que o coelho se destaque ligeiramente dos restantes.

Esta tendência para a representação de animais não-selvagens reflecte uma oposição em relação às afirmações de Corman, pelo facto de o animal selvagem ou agressivo ser claramente rejeitado em função de outros mais próximos do convívio humano. Parece, pelo contrário haver uma confluência de opiniões entre os nossos resultados e os de Minoja Zani.

c) — No quadro 3 estão presentes, para cada sujeito, o número de elementos que compõem a «Família Imaginária» (FI) por eles desenhada e o número real de pessoas que efectivamente compõem o seu «Grupo Familiar» (GF). Verifica-se assim a existência de uma diferença altamente significativa entre as duas distribuições ($X^2=41,78$, $p=.99999$, $g.l.=1$). Se atentarmos nas médias obtidas para cada uma das distribuições, constatamos que ela se situa ao redor de 3 elementos na FI enquanto que no GF o seu valor se aproxima de 6. Tais resultados deixam entrever o desejo destes

QUADRO 3

Distribuição dos 27 casos de simbolização

| Idade | Sujeitos | | Família | Grupo |
|---------|----------|-----|-------------|----------|
| | Nome | | Imaginária | familiar |
| 12 ANOS | Ch. B. | 4 | Coelhos | 11 |
| 12 ANOS | Ch. P. | 5 | Ovelhas | 11 |
| 12 ANOS | E. D. | 2 | Elefantes | 6 |
| 13 ANOS | Oh. B. | 2 | Cavalos | 5 |
| 13 ANOS | M. L. | 2 | Coelhos | 8 |
| 13 ANOS | Ph. B. | 3 | Patos Reais | 5 |
| 14 ANOS | Oh. N. | 4 | Chávenas | 4 |
| 14 ANOS | Cl. J. | 3 | Cabras | 9 |
| 14 ANOS | D. D. | 4 | Gatos | 5 |
| 14 ANOS | E. D. | 5 | Gatos | 4 |
| 14 ANOS | F. F. | 2 | Ovelhas | 6 |
| 14 ANOS | G. M. | 3 | Galinhas | 4 |
| 14 ANOS | J. F. | 3 | Coelhos | 5 |
| 14 ANOS | J. W. | 3 | Veados | 4 |
| 14 ANOS | M. D. | 3 | Vacas | 4 |
| 14 ANOS | M. F. | 1 | Vaca | 6 |
| 14 ANOS | M. T. | 3 | Linces | 4 |
| 14 ANOS | P. H. | 4 | Coelhos | 3 |
| 14 ANOS | P. K. | 2 | Cães | 8 |
| 14 ANOS | Ph. B. | 4 | Caracóis | 4 |
| 15 ANOS | J. D. | 3 | Ovelhas | 4 |
| 15 ANOS | J. S. | 4 | Gansos | 9 |
| 15 ANOS | S. P. | 2 | Cães | 6 |
| 16 ANOS | G. O. | 8 | Ossos | 5 |
| 16 ANOS | M. L. | 3 | Cavalos | 6 |
| 17 ANOS | P. T. | 6 | Gaivotas | 8 |
| 17 ANOS | Ph. R. | 3 | Camelos | 4 |
| TOTAL | | 91 | | 159 |
| X. | | 3,4 | | 5,9 |

adolescentes de possuírem uma família reduzida à sua expressão mais estrita (pai, mãe e apenas um filho).

DISCUSSÃO

Da análise dos resultados emergem três conclusões:

- o recurso ao procedimento da simbolização no teste do desenho da família aparece com uma frequência assinalável em desenhos de adolescentes psicóticos. Embora a nossa amostra seja maioritariamente composta por adolescentes de 14 anos, não há nenhuma contribuição específica de um ou outro grupo etário para o aparecimento de simbolizações. Estas parecem contudo ser mais afectas aos adolescentes mais novos (12, 13, 14, anos).
- é registada uma preferência inequívoca pelo desenho de Animais do tipo familiar e doméstico sem uma opção específica em relação a determinado animal. Saliente-se todavia a existência, ainda que não significativa do ponto de vista quantitativo, de dois casos em que houve recurso a uma simbolização através de seres desprovidos de vida, facto que, por si só, mereceria um estudo clínico.
- a família simbolizada tende a reduzir-se ao seu estágio mais arcaico (família de 3 elementos).

O facto de estas características, nunca terem sido referidas por outros autores — Rivas-Martínez, Bafiáres Vazquez e Pertejo (1969, p. 772) constataram no grupo que lhes serviu de controlo uma ausência total de famílias simbolizadas e apenas dois casos em que aparece o cão como elemento simbolizado isolado — leva-nos a considerar a simbolização no teste do desenho da família como um indicio relevante da estrutura psicótica. Note-se contudo que, e contrariamente às afirmações de Corman, não se trata de projectar a agressividade sobre animais ferozes, mecanismo que é muito mais próximo da estrutura neurótica ou caracterial que aliás caracteriza a amostra desse autor (Corman, 1967, p. 7). Trata-se sim de encontrar, através de um conjunto de elementos inofensivos, uma família compensatória denegando a família real sem todavia a eliminar por completo. Enquanto que o comportamento neurótico se caracteriza essencialmente pela vivência de uma angústia o psicótico prefere dissociar-se do real criando um mundo à parte que de alguma forma lhe sirva de compensação. Mais do que exteriorizar agressividade em relação a um ou outro elemento determinado, interessa ao psicótico criar à sua volta um mundo ideal à medida dos seus desejos narcísicos. Assim se compreende a insistência numa família triangular composta de elementos inofensivos. Recria-se uma realidade — a família — mas asseguram-se desde logo as condições para que o circuito afectivo se estabeleça em torno de um só elemento.

NOTA

(1) Consideramos «Grupo Familiar» o conjunto de parentes do adolescente que com ele coabitam, de acordo com o respectivo dossier administrativo.

REFERÊNCIAS

- ABRAHAM, A. (1963) — Le dessin d'une personne (Le Test de Machover). Paris: Delachaux et Niestlé.
- BORELLI-VINCENT, M. (1965) — L'expression des conflits dans le dessin de famille. Revue de Neuro-Psychiatrie Infantile, 13 (1-2), pp. 45-79.
- CORMAN, L. (1967) — Le test du dessin de famille, Paris: P.U.F., 2^{ème} édition.
- CROCCO, L. et SUZIOT (1968) — Une dimension profonde dans l'analyse du dessin de la famille chez l'enfant: le schéma corporel. Supplément de l'Encéphale, Nov.-Déc., pp. 34-39.
- FREUD, S. (1968) — Totem et tabou. Paris: Payot.
- GENDRE F., CHETRET S., DUPONT J. B. (1977) — Le test du dessin de la famille chez l'enfant. Etude préliminaire. Revue de Psychologie Appliquée, n.º 4, pp. 243-253.
- HULSE, W. C. (1952) — Childhood conflict expressed through family drawings. Journal of Projective Techniques, 16, pp. 66-79.
- LAPLANCHE J., PONTALIS J. B. (1971) — Vocabulaire de Psychanalyse, Paris: P.U.F., 3^{ème} édition.
- MINOJA ZANI, L. (1969) — La famiglia. Ricerca delle modalità espressive di norma attraverso il disegno. Archivio di Psicologia Neurologia e Psichiatria, 20, n.º 3, pp. 211-269.
- POROT, M. (1965) — Le dessin de la famille. Revue de Psychologie Appliquée, n.º 3, pp. 179-192.
- RIVAS MARTINEZ F., BAFIÁRES VAZQUEZ A., PERTEJO M. J. (1969) — El test de la familia en un orfanato. Revista de Psicología General y Aplicada, 24 (99-100), pp. 769-774.

ABSTRACT

SYMBOLIZATION IN THE FAMILY DRAWING TEST

The present study deals with symbols in the family drawing test. The analysis is based upon 27 cases of symbolization that proceed from a group of 85 psychotic adolescents who were in a psychiatric institution attending psychotherapeutic treatment.

After recalling the principal contributions about this subject, the author reaches the following conclusions:

- the resort to the procedure of symbolization in the family drawing test doesn't seem to be rare in psychotic adolescents and its appearance is not related with the age of the subjects.
- once psychotic tend to symbolize they prefer, generally, the representation of familiar or domestic animals.
- the symbolized family tends to be reduced to its most archaic state.

The author argues that the process of symbolization is a mean of recreating the world of the psychotic, providing him with a family of harmless individuals where his narcissist desires are fulfilled.

RESUMÉ

LA SYMBOLISATION DANS LE TEST DU DESSIN DE LA FAMILLE

La présente étude traite de la symbolisation dans le test du dessin de la famille. Sont ici analysés 27 cas de symbolisation issus d'un effectif de 85 adolescents psychotiques internés pour des buts psychothérapeutiques dans une institution psychiatrique.

Après avoir rappelé les principales contributions à ce sujet, l'auteur s'engage dans l'analyse des 27 dessins pour en faire ressortir les conclusions suivantes:

- le recours au procédé de la symbolisation dans le test du dessin de la famille n'est pas rare chez les psychotiques et semble fonctionner indépendamment de l'âge.
- lorsque les adolescents psychotiques optent pour la symbolisation ils sont enclins à dessiner, presque toujours, des animaux familiers et domestiques.
- la famille symbolisée a tendance à être représentée dans son état le plus archaïque.

Le psychotique, en représentant la famille compensatoire sous la forme d'éléments inoffensifs, «construit» ainsi un monde idéal à la mesure de ses propres désirs narcissiques.